

BIBLIOTECA
VIDA E MISSÃO

IGREJA
METODISTA
PASTORAL
CELEBRAÇÕES
MINISTÉRIOS
DOCUMENTOS

*Carta Pastoral
do Colégio Episcopal
da Igreja Metodista*
DÍZIMO

IGREJA METODISTA
COLÉGIO EPISCOPAL

DÍZIMO
Carta Pastoral do
Colégio Episcopal da
Igreja Metodista

Documentos – nº 8

1999

Sumário

Introdução.....	4
DÍZIMO - O que é isso?	6
Dízimo – Um desafio de Deus!	9
Dízimo – Colocando o Reino de Deus como prioridade.	11
Dízimo – O Princípio da Semeadura (2 Coríntios 9).....	15
Semeando para o Reino.....	18

Introdução

O Colégio Episcopal da Igreja metodista, dentro de sua tarefa pastoral que, na verdade, implica em orientar o povo chamado metodista sobre a vida cristã, encaminha uma **carta pastoral sobre o dízimo**.

Os bispos entendem que este é um assunto de grande importância na vida e ministério total da Igreja. A questão financeira não está isolada da verdadeira espiritualidade. Uma espiritualidade plena e engajada passa, invariavelmente, por uma compreensão do verdadeiro lugar da mordomia cristã na vida de cada membro da igreja, bem como na vida da comunidade de fé e serviço. Uma análise bíblica nos levará a entender que, dentro do projeto de Deus, nós somos mordomos de sua maravilhosa criação. Nessa direção, o belíssimo Salmo 24.1 afirma: *“Ao Senhor pertence a terra e tudo que nela se contém, o mundo e os que nele habitam...”*. Os documentos pastorais dos bispos ressaltam: *“...Tudo na Igreja metodista: recursos humanos, técnicos, financeiros, materiais, patrimoniais, etc., têm que gera missão”*.

Nesse sentido, a Carta Pastoral sobre o Dízimo objetiva resgatar parte do nosso compromisso, como mordomos de Deus. Especialmente, despertando nossos membros das igrejas locais a consciência da importância de partilhar a fé, através do método bíblico de contribuição cristã: o dízimo

Constatamos que muitos membros têm experimentado a grande bênção de ser dizimista. Na realidade, as experiências desses irmãos e irmãs têm sido um verdadeiro estímulo, em termos de comprometimento, com o ministério da Igreja Metodista nas igrejas locais. São exemplos estimulantes e concretos que comprovam o testemunho bíblico de Jesus Cristo: *“Mais bem-aventurado é dar que receber...”*.

Entretanto, registramos também que há uma grande maioria que ainda não descobriu a bênção de ser dizimista, objetivando o crescimento pessoal e comunitário. Nós, metodistas, não aceitamos a proposta da “Teologia da Prosperidade” como tem sido utilizada. Outrossim, faz-se necessário repassar aos membros da nossa igreja um estilo de vida cristã responsável. O dinheiro, dentro da perspectiva bíblica, é bênção quando utilizado para o serviço e promoção da obra missionária.

A Igreja precisa do “Verbo”, ou seja, da proclamação do amor de Deus em termos de reconciliação e vida abundante. Entretanto, a Igreja necessita também da “verba”, ou melhor, dos recursos financeiros, a fim de que os mesmos sejam canalizados para o

“...dentro do projeto de Deus, nós somos mordomos de sua maravilhosa criação”.

“Muitos tem experimentado a grande bênção de ser dizimista... verdadeiro estímulo...”

Parte significativa... “não descobriu a bênção de ser dizimista”.

“A Igreja precisa do ‘Verbo’... e também da ‘verba’... recursos financeiros... canalizados para o

avanço missionário”

“Contribuir com o dízimo não é apenas ato de dever e obrigação, mas também de alegria, espontaneidade, compartilhamento, doação e privilégio.”

avanço missionário da Igreja “...tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1.8b).

Nesse contexto, a vida financeira do/a cristão/ã precisa ser fundamentada na Palavra de Deus e nos espírito evangélico. Contribuir com o dízimo não é apenas ato de dever e obrigação, mas também de alegria, espontaneidade, compartilhamento, doação e privilégio. Ao dar, doamo-nos. Como será diferente a vida de nossas comunidades locais quando isso ocorrer. Dízimos, ofertas dons, serviços, vidas serão colocadas no altar com alegria, gratidão e fé. Precisamos mudar de mentalidade. Deixemos o Senhor agir. Ofertemos os nossos dízimos e mais que o Senhor pedir. Façamos nossa oferta, não por imposição ou necessidade, mas com júbilo. Metodismo não é lei, é graça. É dádiva alegre e fiel.

O Colégio Episcopal endereça esta correspondência ao povo chamado metodista, em terras brasileiras, com a firme convicção de que a mesma será um instrumento de edificação e, conseqüentemente, de resultados práticos e concretos para a vida missionária da Igreja. Na realidade, fica bem acolher a ordem e a experiência do profeta: “*Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos seu eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênçãos sem medida...*” (Ml.3.10).

A Deus ofertemos, lembrando: “*Tudo vem de ti, Senhor, e das tuas mão to damos...*” (1 Cr.29.14).

Colégio Episcopal

DÍZIMO - O que é isso?

1) Por que uma pastoral sobre o dízimo?

Vivemos um momento difícil para o trato da questão do dinheiro e do dízimo para a obra do Reino de Deus.

Quase sempre o que nos vem a mente é o exagero. Há “pastores” que estão dispostos a mercantilizar tudo na experiência da fé. Vendem “óleo ungido”, água do Jordão, fitas cassetes com orações; seus cultos são um grande comércio, recolhe-se ofertas de diferentes formas e seguidas vezes.

Por outro lado, há os que, sobre o propósito da ética e de uma timidez de falar acerca do dinheiro, escondem-se atrás da frase bíblica: *“Cada um contribui conforme propôs no seu coração...”* (2 Cor. 9.7), citando o texto fora de contexto, como veremos em uma destas lições. Com esta citação tentam defender a idéia de que contribuição não deve ser um dever, ou que o dízimo é preceito judaico, como se o cristianismo tivesse abolido o Antigo Testamento.

“... o dízimo como um preceito bíblico atual e como fonte de bênção para todos os cristãos.”

Neste estudo vamos considerar, primeiramente, o dízimo, sua origem e prática. Com isto, recolocaremos o dízimo como um preceito bíblico atual e como fonte de bênção para todos os cristãos.

2) O dízimo na tradição do Pentateuco

Como todos/as sabem, o dízimo faz parte das mais antigas tradições do Antigo Testamento. Vamos demonstrar isto através do exame breve do Pentateuco, ou seja, os cinco primeiros livros da Bíblia.

Começando em Gênesis 14.20, relata-se que Abrão ofereceu a Melquisedeque, como sacerdote, o dízimo de tudo que conquistar. Tratava-se, contudo, de despojos de guerra, e não de produto da terra ou gado.

É interessante sublinhar que Melquisedeque vai assumir posteriormente uma das fisionomias messiânicas do judaísmo. Vejam o Salmo 110 sobre o reinado e sacerdócio do Messias. Cabe, ainda dizer que o Novo Testamento reconhece esta tradição em Hebreus 5.6; 7.1ss. Deste modo, a oferta do dízimo dada por Abrão foi oferta à alguém que, como Melquisedeque, figurava o próprio Messias.

Posteriormente, Jacó vai oferecer o Dízimo a Deus (Gn. 28.22). Ali, Jacó reconhece a bênção de Deus na sua vida e oferece a décima parte a Deus. **Reconhecemos que, no período dos patriarcas, o dízimo era ocasional, sempre expressão de gratidão, mas não era ainda um preceito.**

“... entre os preceitos, é estabelecido o dízimo como expressão da gratidão do povo, frente aos atos misericordiosos de Deus (Dt. 12.6-6).

No livro de Deuteronômio, o capítulo 12 começa dizendo: *“São estes os estatutos e os juízos que cuidareis de cumprir na terra que vos deu o Senhor, Deus de vossos pais, para a possuídes todos os dias que viverdes sobre terra”* (Dt. 12.1); em seguida, entre os preceitos, é estabelecido o dízimo como expressão da gratidão do povo, frente aos atos misericordiosos de Deus (Dt. 12.6-6).

Fica evidente que o dízimo, na lei mosaica, é um dos diversos preceitos dados por Deus a seu povo.

O que se pode constatar é que neste período, segundo a história das tradições, o dízimo vai regulamentar a oferta das primícias, existente desde os patriarcas e, pode-se dizer, comum entre os povos do chamado Oriente Médio. Fica claro que o dízimo se desenvolve numa sociedade agrícola-pastoril.

Nesta direção, aproveitamos para aprofundar a nossa visão bíblica da consolidação deste preceito, à luz dos textos que seguem:

- a) O povo oferece os dízimos dos produtos da terra, assim como de seus rebanhos (Lv.27.30; Dt. 12.6; 14.22-23; 26.12-13).
- b) Os dízimos pertencem ao Senhor (Lv.27.30). É no livro de Levíticos onde se encontra este conceito explícito de que os dízimos são do Senhor. Seu objetivo era o sustento dos levitas em troca dos serviços prestados na tenda da congregação. Por sua vez, os levitas davam o dízimo dos dízimos aos sacerdotes (Nm. 18.21-32; Dt. 12.12, 19; 14.27; 26.12-13).
- c) Outro propósito dos dízimos era o auxílio aos necessitados, como: o estrangeiro, o órfão, a viúva. Assim, estes não ficariam desamparados em Israel (Dt. 14.28-29; 26.12-13).
- d) Juntos a estes propósitos agregava-se ainda o objetivo de uma refeição cultual pelas famílias do povo de Deus, juntamente com os levitas de suas respectivas cidades (Dt. 12.11-12).
- e) Anualmente os dízimos eram levados ao Templo (Dt. 12.5; 11; 14.23); e isto porque eram o fruto da colheita anual. Estes dízimos eram entregues aos levitas, sendo realizados por eles uma refeição cultual da família. A cada três anos os dízimos permaneciam nas diferentes

Biblioteca Vida e Missão - Dízimo

idades de Israel, sendo entregues aos levitas e aos necessitados da cidade para seu sustento. No caso do dízimo anual, era possível a sua substituição por um equivalente monetário (Dt. 14.25; 17).

“Existem cristãos que não dão o dízimo! E com isso perdem... muitas bênçãos...”

“... o dízimo é um exercício de fé. É uma resposta prática e material de que nossa conversão é para valer.”

“... nossa timidez em falar da necessidade e dever que temos de dar o dízimo tem retirado de muitos crentes a oportunidade de passar por esta experiência pessoal com Deus.”

“... a questão da desobediência e fidelidade está posta na nossa atitude quanto ao dízimo e ofertas.”

“Uma vida de fidelidade e obediência a Deus gera prosperidade e abundância.”

Dízimo – Um desafio de Deus!

Há, entre os cristãos, diferentes posturas acerca do dízimo. Isto mostra que, diferentemente do esperado, o dízimo não é tão tranqüilo quanto parece. Existem cristãos que não dão o dízimo! E com isso perdem, conforme vamos ver, muitas bênçãos decorrentes desta maneira de agir.

Na verdade, o dízimo é um exercício de fé. É uma resposta prática e material de que nossa conversão é para valer. Quando Zaqueu se converteu, evidência externa da sua conversão foi a sua declaração e disposição de restituir o que havia roubado e dar aos pobres parte dos seus bens.

Infelizmente, nossa timidez em falar da necessidade e dever que temos de dar o dízimo tem retirado de muitos crentes a oportunidade de passar por esta experiência pessoal com Deus.

Examinemos Malaquias 3.6-12, e consideremos o ensino deste texto.

1) Dízimo e obediência

O texto de Malaquias, que antecede, fala e enfatiza a Aliança, anuncia o juízo de Deus que virá através do “profeta precursor”, que, segundo a tradição cristã, foi o próprio João Batista.

Este juízo seria aplicado sobre os filhos da desobediência, ou seja, aqueles que, descritos no verso 6, não temem ao Senhor e não se submetem aos seus estatutos.

O nosso texto começa afirmando que o povo de Israel não era consumido, porque Deus é fiel. Isto quer dizer que, embora o povo merecesse a condenação, não sofria mais, devido à promessa e à aliança com Deus.

Há uma visível condenação à falta de fidelidade e obediência a Deus. O desviar-se dos estatutos provoca a indignação de Deus. “*A lei do Senhor é perfeita*”, diz o salmista. Se queremos ter um caminho abençoado, devemos construí-lo em obediência aos estatutos e preceitos de Deus.

Mas onde desobedecemos a Deus?, pergunta o povo. O profeta usa uma expressão mais forte: roubará o homem a Deus? “*Vós me roubais nos dízimos e nas ofertas*” (Ml 3.8). Aqui a questão da desobediência e fidelidade está posta na nossa atitude quanto ao dízimo e ofertas. Fica claro nesse texto a importância que Deus dá à obediência, ao mandamento do dízimo.

Uma vida de fidelidade e obediência a Deus gera prosperidade e abundância. E quando falamos de abundância, não estamos

falando de supérfluo, mas daquilo que é necessário para a vida: trabalho, saúde, alimentação, casa etc. Esta observação é importante porque na sociedade comunista que vivemos há quem julgue que televisão, vídeo cassete e outros são artigos de necessidade.

“O dízimo só tem um destino: ‘... a casa do Tesouro...’.”

“Dízimo é estatuto divino e seu destino é a casa de Deus – o Santuário.”

2) Dízimo e Benção

A parte final do texto é uma recomendação: *“trazei todos os dízimos a casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos...”* (MI 3.10). O dízimo só tem um destino: “... a casa do Tesouro...”. Isso tira de nós a tentação de acharmos que dando dinheiro para a missão X e Y estamos dando nosso dízimo. Grave engano! Quando você está dando uma oferta a um missionário, isso é apenas oferta. Dízimo é estatuto divino e seu destino é a casa de Deus – o Santuário. O dízimo deve ser usado para o sustento dos serviços e ministérios do santuário, ou seja, o ministério pastoral, ministério de oração, ministério do socorro, etc.

Dízimo – Colocando o Reino de Deus como prioridade.

1) A prioridade

Pode parecer lugar comum, mas a frase de Jesus: “*Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas*” (Mt 6.33) continua sendo uma verdade muito citada e pouco praticada.

O ritmo de vida da sociedade moderna nos tira do centro desta prioridade. Frequentemente nos deparamos com esse dilema. De modo prático, diante de nós está, por exemplo, a nossa mesa cheia de correspondências para serem respondidas, uma lista de pessoas que querem falar conosco, e por outro lado, precisamos orar, ler a Palavra, preparar sermões e estudos. Qual tem sido a nossa escolha? Onde está a nossa prioridade? Quem faz a nossa agenda? Nós e a conjuntura à nossa volta ou o Reino de Deus?

A questão acima determina nosso progresso na fé. Na verdade, a mensagem bíblica diz: “... onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Lc 12.34). Nossa civilização consumista elege tesouros ou prioridades erradas, prova disto é a desordem sócio-econômica e política do nosso Brasil, reflexo da ordem mundial.

Se perguntarmos aos cristãos: “O Reino de Deus é uma prioridade para vocês?”, certamente a resposta será: “Sim!” Mas o que revela a autenticidade das nossas palavras é se vivemos conforme elas. O exame prático nos mostra que na maioria das vezes nossa prática não consegue acompanhar plenamente nossas intenções. Não se trata de mentira ou hipocrisia, mas rendição ao conjunto complexo de necessidades criadas pela sociedade, e que temos de reconhecer o adversário – inimigo, que opera com o objetivo de nos desviar de nossos intentos sinceros da fé e do Reino de Deus.

Para entender melhor este drama no qual estamos envolvidos, nada melhor do que uma história bíblica para ilustrar e iluminar nosso entendimento. A história que desejo compartilhar é encontrada no capítulo primeiro do livro do profeta Ageu.

2) O retorno do exílio babilônico e a reconstrução do Templo

A profecia de Ageu abre o que se convencionou chamar o último período profético, o período após o cativeiro babilônico.

Deus levanta Ageu para restabelecer as prioridades em Israel. Deus havia trazido uma grande parte do povo no cativeiro da

“Qual tem sido a nossa escolha? Onde está a nossa prioridade? Quem faz a nossa agenda? Nós e a conjuntura à nossa volta ou o Reino de Deus?”

Babilônia para que reconstruíssem o templo em Jerusalém (os primeiros capítulos de Esdras narram isto – Ed 1.1-8). De modo poderoso, Deus toca o coração de Ciro e este não só liberta o povo, como restitui os tesouros do templo, trazidos por Nabucodonosor, desde Jerusalém. Além disso, autoriza que não falte sustento ao povo enquanto estivesse fazendo a obra. Deus coloca pela boca de um Rei pagão: “A prioridade é a minha casa!”

O povo retorna e começa a obra. Existe, inclusive, uma cena emocionante quando é lançado o alicerce do templo: há uma celebração, os jovens cantam e os anciãos choram (Ed 3.10-13). Mas como toda obra de Deus enfrenta adversidades, os adversários surgiram, ou seja, o povo que habitava na terra de Judá, que fôra levantado pelos reis que antecederam Ciro, fica com ciúmes e conspira contra o povo de Deus. Surge um obstáculo e as obras param por um bom tempo.

É nesse período de paralisação que se situa a profecia de Ageu. O profeta é levantado por Deus para recordar o povo, autoridades e sacerdotes, a razão pela qual Deus os havia trazido de volta do exílio. Vejamos com calma Ageu 1.1-14:

**“Este povo diz:
Não veio ainda o
tempo, o tempo em
a Casa do Senhor
deve ser edificada’
(Ag 1.2)”**

a) “Este povo diz: Não veio ainda o tempo, o tempo em a Casa do Senhor deve ser edificada” (Ag 1.2)

Aqui está explícito como nós, povo de Deus, retardamos a obra de Deus, por não coloca-la como prioridade. Frequentemente nós postergamos, na igreja local e em nossa vida espiritual, deveres que sabemos serem bíblicos e determinados por Deus. É verdade que outros o fazem por ignorância, ou melhor, desconhecem ordenanças básicas de Deus. Uma delas, que é fundamental, é o dízimo. Há os que conhecem e adiam, dizendo: “Quando terminar de construir minha casa, passarei a dar o dízimo. “Outros ainda dizem: Quando eu for promovido, darei o dízimo. Eu ganho muito pouco”. E outros ainda pretendem saber mais que a Palavra de Deus, e dizem: “Dízimo é do Antigo Testamento, no cristianismo não tem isto, cada um contribui como pode, estamos no tempo da graça. Esquecem os textos que o cobriam como: “Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um “i” ou um “til” jamais passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus” (Mt 5.17-20).

“Acaso, é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa permanece em ruínas?” (Ag 1.4)”

O que devemos fazer é cumprir fielmente as ordenanças de Deus, sem retardar.

b) “Acaso, é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa permanece em ruínas?” (Ag 1.4)

Eles haviam retornado do exílio por ação da graça de Deus, e com um objetivo: reconstruir o santuário do Senhor. No entanto, com vários argumentos racionalizavam, postergando a prioridade dada por Deus. Mas não podemos criticá-los. Frequentemente fazemos a mesma coisa. Até quando?

Existem templos em péssimas condições ou com instalações precárias. Ainda, quando o problema é a situação financeira difícil em que vivem os membros, é possível compreender. Mas, em muitos casos, não é isto. Trata-se de displicência nos dízimos. Pois as resistências quase sempre estão “apaineladas”, quer dizer, ladrilhadas, azulejadas e emboçadas. Sim, muitas vezes temos nas nossas casas os recursos que faltam na igreja. Era esta a denúncia do profeta. Existiam pessoas melhorando suas resistências com o dízimo. Isto, para Deus, mostra desvio das prioridades dadas por Ele.

“Considerai o vosso passado. Tendes semeado muito e recolhido pouco...” (Ag 1.5-6)”

c) “Considerai o vosso passado. Tendes semeado muito e recolhido pouco...” (Ag 1.5-6)

Por duas vezes Ageu os convida a pensarem na história. Quem eram eles? Tinham sido escravos, desalojados de sua terra, casa e família. Agora experimentavam a liberdade, oba da misericórdia de Deus. Restaurados em sua dignidade, viviam de novo em sua terra, experimentavam a prosperidade, tinham casa, saúde e trabalho.

“... faltava a satisfação, a benção transbordante, sacudida e multiplicadora.”

No entanto, faltava a satisfação, a benção transbordante, sacudida e multiplicadora. Por quê? Porque não cumpriam o compromisso com a Palavra de Deus. Deus ordenara a reconstrução do Templo, mas muitos esqueceram o compromisso, então o profeta recorda: “Subi ao monte, trazei e edificai a casa; dela me agradarei e serei glorificado, diz o Senhor” (Ag 1.8).

Muitos cristãos estão hoje assim: ganham bem, tem êxito na profissão, mas gastam com saúde, com concertos aqui e ali, é como um “saquitol furado”. Falta algo: recolocar as prioridades da sua vida e dos seus recursos no altar de Deus. Os dons e os dízimos oferecidos a Deus fazem muita diferença na nossa vida cristã.

“... e neste lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos’ (Ag 2.9)”

d) “... e neste lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos’ (Ag 2.9).

O efeito da submissão a Deus é a entrega da nossa vida e nossos dízimos. E o resultado é a Paz. Sim, o Shalom de Deus é

mais do que calma interior, é justiça, reconciliação, prosperidade, amor, é sim, o Reino de Deus presente no meio do povo.

“... é tempo de amadurecer na nossa caminhada de fé.”

Portanto, é tempo de amadurecer na nossa caminhada de fé. Devemos examinar nossa vida à luz da experiência do povo de Deus na Palavra. E sendo sinceros, reconheçamos onde temos invertido as prioridades, e confessemos ao Senhor. Busquemos, então, servi-lo, conforme seu desafio e nosso voto, de modo que as necessidades da casa do Senhor e da missão do Reino de Deus sejam supridas com o trabalho das nossas mãos.

“... reconhecamos onde temos invertido as prioridades, e confessemos ao Senhor.”

Dízimo – O Princípio da Semeadura (2 Coríntios 9)

“...Julguei conveniente recomendar aos irmãos que (...) preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada para que esteja pronta como expressão de generosidade, e não de avareza” (2 Cor.9.5).

Se tivesse que dar nome aos cristãos fiéis, eu os chamaria de “os que contribuem com generosidade”. Infelizmente, nesta lição, tenho que mencionar o oposto, ou seja, os que não contribuem, ou mesmo os que contribuem com parcimônia, avarentamente.

Tenho encontrado cristãos que são contra o dízimo. Alegam que o mesmo é um preceito da velha lei judaica, e que agora vivemos sob a graça, então devemos contribuir conforme Paulo ensinou: *“... Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade...” (2 Co 9.7)*. Assim, citam o apóstolo Paulo fora do contexto, visando justificar sua pouca contribuição, ou mesmo nenhuma.

“... o dízimo foi um princípio proposto aos judeus, mas não foi substituído, como alguns pensam, e sim ampliado.”

Será que estas pessoas estão certas? O dízimo seria mesmo um princípio judeu? Nós cristãos somos regidos por outro princípio? Creio que eles estão, em parte certo, o dízimo foi um princípio proposto aos judeus, mas não foi substituído, como alguns pensam, e sim ampliado. É exatamente isto que queremos estudar, ou seja, o “princípio da semeadura”, conforme proposto pelo apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 9.

1) Paulo e a oferta missionária de Corinto

Vamos começar examinando o quadro histórico-social e literário da contribuição-dízimo nas comunidades da Macedônia e Acaia. Evidente que numa dimensão breve, já que o tema serve para um livro.

Ao que as cartas de Filipenses e Coríntios nos permitem perceber, não houve unanimidade na postura destas comunidades quanto à contribuição. Filipo e, ao que parece, as Igrejas da Macedônia, tiveram uma atitude mais solidária e liberal com respeito a contribuição missionária. A igreja de Filipo participou mais de uma vez do sustento do Apóstolo Paulo (Fp 4.14-19). O que mostra que por volta dos anos cinquenta já havia uma mentalidade de compromisso e contribuição para o sustento dos obreiros e expansão da obra do Reino de Deus.

Por outro lado, o texto de 2 Coríntios 8 e 9 nos mostra Paulo usando como exemplo a liberdade dos macedônios, que eram

mais pobres que os irmãos de Corinto, para estimular a igreja de Corinto a contribuir para o sustento dos santos, já que conforme ele mesmo cita, eles já haviam dado uma oferta no ano anterior (2 Co 8.10-11). Fica notório que a longa argumentação de Paulo, e mesmo o testemunho dado no capítulo 11.7-9, onde ele afirma que, durante o tempo que esteve entre eles, nada recebeu. Foi inclusive necessário que outras igrejas o ajudassem. Isso mostra que esta era uma área difícil, mas que Paulo estava instruindo esses irmãos para que aprendessem a contribuir com alegria.

2) O princípio da sementeira

Como nos referimos no princípio, frequentemente as pessoas usam o texto de 2 Coríntios 9.7 fora do contexto, procurando enfatizar que a contribuição era espontânea, facultativa e voluntária; o que um exame do capítulo todo e da epístola não confirma.

Na verdade, o assunto “contribuição” começa em 1 Co 16.1, onde Paulo faz um apelo em favor da Igreja de Jerusalém, e pede que isto seja de acordo com a prosperidade de cada um, trata-se de uma oferta especial, além do dízimo normal da igreja. No que parece, os/as irmãos/ãs da Galácia e Macedônia tinham ofertado com generosidade, o que não tinha ocorrido com os da Acaia (leia-se Corinto).

Em função disto, Paulo volta ao assunto na segunda carta, começando no capítulo oito, elogiando o desprendimento dos irmãos e irmãs da Macedônia em contribuírem. Paulo usa, inclusive, o exemplo de Jesus Cristo, dizendo: *“Pois conheceis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos”* (2 Co 8.9).

Finalmente, no capítulo 9, parece que Paulo já teria obtido informação de que os coríntios estavam mais abertos a contribuírem, e sendo assim, ele passa alguns critérios para esta contribuição:

- a) Expressão de generosidade e não de avareza (2 Cor. 9.5);
- b) Confiança na sementeira: quem pouco semeia, pouco colhe. Quem muito semeia muito colhe (2 Co 9.6).
- c) Casa um contribua segundo o coração. Nunca com tristeza, mas com alegria (2 Co 9.7).
- d) Quem contribui nesta obra, vê *“Deus fazer abundar em toda a graça”* (2 Co 9.8).
- e) Deus retribui àquele que contribui: *“... Ora, aquele que dá semente ao que semeia, e pão para alimento, também suprirá e aumentará a vossa sementeira, e*

multiplicará os frutos da vossa justiça” (2 Co 9.10). Os versos 11 e 12 continuam falando da retribuição;

f) A contribuição deve ser com liberalidade (2 Co 9.13).

“Nós somos herdeiros de um outro “fazedor de tendas”, que foi João Wesley. Ele ensinava que os metodistas deveriam ganhar o máximo que pudessem, e darem o máximo que pudessem para a obra de Deus, e para os pobres.”

Um excelente exemplo de contribuição, trabalho e compromisso missionário foi o apóstolo Paulo. Ele ia de cidade em cidade, evangelizando, plantando igrejas. Muitas vezes ele trabalhava longas horas fazendo tendas, tudo para não ser pesado aos irmãos, e poder dispor de mais recursos para a missão. Assim, tudo que ele tinha era para a missão. Nós somos herdeiros de um outro “fazedor de tendas”, que foi João Wesley. Ele ensinava que os metodistas deveriam ganhar o máximo que pudessem, e darem o máximo que pudessem para a obra de Deus, e para os pobres. Com tais exemplos, não nos resta outra alternativa senão a de sermos, no mínimo, fiéis no dízimo.

“... não nos resta outra alternativa senão a de sermos, no mínimo, fiéis no dízimo.”

Semeando para o Reino

1) Os bens materiais e o futuro (Lc. 12.15-21).

Frequentemente, encontramos quem recusa dar o dízimo, mas está construindo um grande patrimônio para o futuro. Na verdade, a grande maioria dos cristãos que não dão o dízimo não são os que não tem condições, pelo contrário, são os que teriam condições financeiras para dar, mas demonstram estar preocupados em guardar ou acumular para o futuro, para os filhos – segundo o padrão da nossa sociedade.

“... é um equívoco pensar que estocar bens é uma garantia para o futuro.”

“A tradição deuteronomista, por exemplo, adverte que o Deus Criador deseja a prosperidade de todo o seu povo, e espera que este se lembre sempre de seu Deus como autor de todas as bênçãos materiais, conforme Deuteronomio 6.10-12.”

No entanto, é um equívoco pensar que estocar bens é uma garantia para o futuro. Tal pensamento foi questionado por Jesus (Lc 12.15-21). De fato, não há propriamente uma proibição de economizar para tempos de escassez (Pv 6.6; 1 Tm 5.8). O que realmente Jesus queria ensinar era que os discípulos e discípulas não colocassem sua confiança no dinheiro, e sim em Deus. E isto porque como Ele ensinou: “... onde está o seu tesouro, aí estará o seu coração...” (Mt 6.21).

Cabe ainda sublinhar que desde o Antigo Testamento, a mensagem bíblica destaca que os bens materiais procedem de Deus. A tradição deuteronomista, por exemplo, adverte que o Deus Criador deseja a prosperidade de todo o seu povo, e espera que este se lembre sempre de seu Deus como autor de todas as bênçãos materiais, conforme Deuteronomio 6.10-12.

2) Os ricos da riqueza e o uso do dinheiro (Tg 5.1-6; 1 Tm 6.9-10; 17-19)

Tiago adverte que o dinheiro, quando acumulado, aproxima quem o possui da corrupção, pois conservá-lo e multiplica-lo compromete o cristão com o sistema iníquo com que o dinheiro é tratado. Ele diz que o dinheiro vira testemunho contra quem o acumula. No caso citado por Tiago, esta acumulação se dava às custas do salário dos trabalhadores que ceifavam o campo dos proprietários de fazendas (eram os bóias-frias da época). Estes salários eram retirados com fraudes, o que ocorre ainda hoje nos grandes latifúndios, onde o trabalhador compra do patrão o que precisa, pagando sempre mais caro. Com isto ele nunca tem salário para receber, está sempre devendo ao patrão. Trata-se de uma forma moderna de escravidão. Nesta categoria, dos que enriquecem a base de exploração, estão muitas das grandes fortunas do Brasil.

Sim, é realmente muito fácil acumular fortuna sem

comprometer-se com a injustiça e a opressão. É esta a advertência de Paulo e Timóteo, quando diz: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1 Tm 6.9).

Jesus nos ajuda a entender isto com um episódio e uma parábola. O episódio é o do jovem rico, que estimulado a dar sua riqueza aos pobres, retirou-se com tristeza porque amou mais as riquezas do que o Reino de Deus. Aqui, as riquezas foram empecilho para ganhar o Reino de Deus. A parábola é a do rico e o Lázaro, onde Jesus mostra que a riqueza do rico o lançou no inferno. A riqueza pode transformar-se no deus Mamon de muitas pessoas.

Já em 1 Timóteo 6.17-19, o apóstolo deixa claro que o cristão pode ter riquezas, mas mostra como deverá usá-la, ou seja, deve ser abundante em dar aos pobres, e em repartir com os que tem menos. Na igreja primitiva, isto era levado a sério. Paulo também fala do seu mandato apostólico e do reconhecimento que teve dos apóstolos em Jerusalém, em sua carta aos Gálatas; e ali sublinha que estes haviam reconhecido seu ministério, e feito apenas uma recomendação: que Paulo não esquecesse dos pobres. Assim, não é problema ter dinheiro, desde que não seja resultado de opressão, e seja usado para abençoar os pobres à semelhança das ofertas recolhidas pelos apóstolos usadas para as necessidades da igreja e do Reino de Deus.

“... não é problema ter dinheiro, desde que não seja resultado de opressão, e seja usado para abençoar os pobres...”.

3) Semeando no Reino de Deus

“Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20.35)

Paulo aponta para um ensino de Jesus sobre a rica experiência de dar, onde o alvo novamente são os necessitados. Estes são alvos da missão do Reino de Deus.

A mensagem bíblica do reino pressupõe, além da pregação-anúncio, a participação da igreja na sua construção. A missão da Igreja é, através de sua ação missionária, ir multiplicando sinais do poder do reino que cresce na história. Assim, somos estimulados a compartilhar todos os nossos recursos no Reino de Deus. “A doutrina da contribuição cristã” não se esgota no dízimo, mas supõe muito mais: nossos bens, nossos dons, nosso tempo, nossa maneira de pensar, enfim, tudo deve ser depositado no altar.

Há muita tensão permanente entre o Reino de Deus e o reino da opressão, da mentira e da injustiça. Nem sempre estamos advertidos para isto. Por isso, causa cresce a iniquidade, a maioria

“Há muita tensão permanente entre o Reino de Deus e o reino da opressão, da mentira e da injustiça.”

“É urgente a nossa mobilização, o dispor de nossos bens e dons para construir o Reino de Deus.”

das pessoas, e mesmo muitos cristãos dispõem seu tempo e recursos no reino da injustiça. Sim, quando nós decidimos dispor nosso tempo em algum tipo de lazer ou outra atividade que está promovendo a iniquidade e a opressão, estamos estimulando uma estrutura de engano. Muitas vezes o fazemos até pela omissão: lavamos as mãos para a injustiça que está a nossa volta. É urgente a nossa mobilização, o dispor de nossos bens e dons para construir o Reino de Deus. Não se faz a missão sem uma mobilização constante de recursos financeiros, de dons e ministérios, enfim, de vidas.

4) Conclusão

“... vamos aceitar o desafio, convertendo-nos aos valores do Reino de Deus.”

Somos desafiados, então, a dispor nossa vida no Reino de Deus. Colocar todos os nossos bens e dons a serviço dEle. O Reino é aquela sementinha de mostarda que cresce a medidas incomparáveis, mas que precisa de quem a lance na terra, quem a regue e finalmente os frutos virão.

Irmãs e irmãos, vamos aceitar o desafio, convertendo-nos aos valores do Reino de Deus.